RELATÓRIO DE REGISTRO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS EM RIO NEGRO-MS

Gilson Rodolfo Martins

Professor no Departamento de História da UFMS/CEUA.

Este artigo informa sobre a descoberta e o registro de três sítios arqueológicos localizados no município de Rio Negro, Mato Grosso do Sul. Os sítios são abrigos sob rocha com inscrições rupestres representando animais e sinais abstratos. Nesses locais foram encontrados também vestígios de cultura material arqueológica tais como fragmentos de recipientes de cerâmica, machados de pedra polida, artefatos de pedra lascada e restos de alimentação. Estudos futuros permitirão estabelecer se estes sítios enquadram-se em algumas das tradições arqueológicas conhecidas pela Arqueologia brasileira.

Palavras-chave: Arqueologia; Mato Grosso do Sul; Arte Rupestre.

This article informs on the discovery and the registration of three archaeological sites located in the municipal district of Rio Negro, Mato Grosso do Sul. The sites are shelters under rock with inscriptions represented animals and abstract signs. In those places they were also found such vestiges of archaeological material culture as fragments of ceramic recipients, axes of polished stone, engines of splintered stone and feeding remains. Future studies will allow to settle down these sites enquadram-if in some of the archaeological traditions known by the Brazilian Archaeology.

Keywords: Archaeology; Mato Grosso do Sul; Rupestrian Art.

Em 06/11/1996 o Sr. Marcos Augusto Martins Arruda visitou o Laboratório de Pesquisas Arqueológicas do DHI/CEUA/UFMS. O mesmo, representando, na oportunidade, o setor de turismo da Prefeitura Municipal de Rio Negro, informou ter localizado, na área rural do município anteriormente citado, em grutas da região, indícios de material arqueológico. Na mesma ocasião, o informante exibiu amostras, recolhidas por ele, de fragmentos de cerâmica arqueológica e uma mão de pilão confeccionada através do polimento de um seixo de arenito; informou ainda sobre a ocorrência de inscrições rupestres nas grutas (pinturas e gravuras). Perante as evidências apresentadas, marcou-se uma data para uma visita de reconhecimento e verificação do significado arqueológico dos locais citados.

Segundo o sr. Marcos Augusto, a sua iniciativa em procurar a UFMS para comunicar a ocorrência estaria vinculada ao interesse da Câmara Municipal e da Administração Municipal em dinamizar o ecoturismo na região e, para tal, pretenderiam, entre outros itens, divulgar e viabilizar o aproveitamento do conteúdo arqueológico local.

Em 16/11/96, os professores Dr. Gilson Rodolfo Martins (arqueólogo – Deptº. de História do CEUA/UFMS), Ms. Paulo Robson de

Souza (biólogo – CCBS/UFMS) e Dra. Emília Mariko Kashimoto (arqueóloga – FAPEC e NPA/MDB/UCDB) dirigiram-se aos locais indicados e constataram a existência de três sítios arqueológicos. Os recursos para a viagem foram fornecidos pela UFMS/CEUA, pela Câmara Municipal de Rio Negro e pelo sr. João Carlos, proprietário rural e secretário da Prefeitura Municipal.

QUADRO NATURAL MUNICIPAL

A região na qual os sítios estão inseridos é identificada pela SEPLAN/MS (1989) como "Região dos Patamares e Escarpas da Borda Ocidental da Bacia do Paraná". Nesse espaço geográfico as altimetrias variam entre 200 m e 600 m, aproximadamente. A área, como um todo, compreende, aproximadamente, 19000 km².

O relevo, segundo a SEPLAN/MS, subdivide-se em três compartimentos geomorfológicos: O "Primeiro Patamar", que inclui a Serra do Pantanal e a Serra de Maracaju, representado por uma frente de *cuestas,* esculpida em litologias da Formação Furnas; A "Depressão Interpatamar", constituída por litologias das Formações Ponta Grossa e Aquidauana, sendo essa depressão, um corredor rebaixado entre o reverso da *cuesta* e as escarpas do "Segundo Patamar", formada pelo vale da cabeceira do rio Negro; O "Segundo Patamar", esculpido em litologias areníticas da Formação Botucatu, constitui-se em um desdobramento do relevo cuestiforme da Borda Ocidental da Bacia do Paraná recebendo denominações locais como Serra Preta, Serra da Barrentina, Serra do Barreiro, Serra do Caracol, Serra de São Domingos e Serra de Maracaju. O relevo, de um modo geral, apresenta modelados planos, topos tabulares ou suavemente convexos e formas dissecadas.

Os três sítios encontrados estão localizados próximos de córregos afluentes da margem direita do rio do Peixe. Este rio é tributário direito do alto curso do rio Negro. Neste trecho, o rio Negro flui próximo e paralelo, porém em sentido oposto (sul/norte) , ao Aquidauana. Todos

esses cursos fluviais são integrantes da rede de drenagem do Pantanal sul-mato-grossense.

O espaço onde os sítios estão inseridos caracteriza-se como um interflúvio entre as cabeceiras dos rios Negro e Aquidauana. Os paredões de arenito apresentam, no relevo escarpado, diversas cavidades erosivas que propiciam a formação de abrigos de pedra. As inúmeras nascentes e torrentes pluviais, aí existentes, provocaram profundas incisões no relevo, ocasionando o surgimento de diversas furnas entre as quais aquelas onde estão inseridos os sítios visitados

Os solos são, em geral, arenosos, de baixa fertilidade natural, rasos e pedregosos, também é comum, em meio aos campos, áreas de areias quartzosas.

A fitogeografia local, sujeita às condições topográficas e pedológicas acima descritas, como também ao clima tropical continental (inverno quente e seco) pode ser caracterizada como área de tensão ecológica (savana/floresta estacional), variando entre uma densa formação submontana, campos revestidos por uma típica vegetação de cerrado (savanas arbóreas abertas) e matas de galeria.

ARQUEOLOGIA REGIONAL

Nos últimos quinze anos, inúmeros projetos de pesquisas arqueológicas tiveram início em vários pontos do Centro-Oeste brasileiro. Embora os resultados obtidos ainda estejam muito aquém do potencial e complexidade esperados, os dados disponíveis já permitem a elaboração de esboços, mesmo que em caráter ainda preliminar, de modelos explicativos genéricos.

Como em todo o Brasil, no Centro-Oeste, são escassas as pesquisas e as informações arqueológicas referentes ao final do Pleistoceno, período marcado por um clima frio e seco.

Barbosa (1995:176) se manifesta contrário à existência de ocupações pleistocênicas no Brasil Central expressando o seguinte:

> "Assim, de acordo com os dados disponíveis até o presente momento, envolvendo amostragem significativa em Mato Grosso do Sul, quase a

totalidade de Goiás, grande parte do Tocantins, oeste da Bahia e grande parte de Minas Gerais, a ocupação efetiva do interior do continente sul-americano inicia-se com a implantação do Horizonte dos Cerrados a partir de 11.000 anos A.P.. Esse horizonte é caracterizado por uma indústria lítica muito homogênea, que constitui a tradição Itaparica, intimamente ligada às formas de exploração dos cerrados, com mecanismos adaptativos responsáveis por um sistema econômico, que perdura por dois mil anos quase sem alteração, a não ser aquela decorrente da migração" (Barbosa, 1995:176).

Os únicos estudos efetivamente vinculados à realidade arqueológica plesitocênica no Centro-Oeste são aqueles desenvolvidos pela Missão Franco-Brasileira (MAE/USP-MNHN/França) no sítio Santa Elina, município de Jangada, MT. No relatório das escavações realizadas em 1995 (Vilhena Vialou et al., 1996), os coordenadores desse Projeto observaram existir vários níveis de ocupação arqueológica referentes a esse período, evidenciados estes pela presença de material lítico, carvões e estruturas de pedra. Esses níveis foram datados entre 10 mil anos AP e 30 mil anos AP. As ocorrências arqueológicas foram encontradas entre 1,90 m e 3,00 m de profundidade e, na maior parte, associadas a vestígios paleontológicos de megafauna extinta, principalmente, osteodermes. Provavelmente outras localidades no Centro-Oeste também possuem sítios arqueológicos originários do Pleistoceno, o que só será melhor esclarecido com o aprofundamento das pesquisas.

Schmitz (1993) elaborou um resumo do processo de ocupação humana, no Centro-Oeste, a partir do início do holoceno, quando teve início a tropicalização da região, apontando como principais características o seguinte: no período que se segue imediatamente ao final do Pleistoceno, entre 11 mil e 8,5 mil anos AP, as escavações arqueológicas evidenciaram uma indústria lítica sobre blocos e/ou seixos, onde destacam-se artefatos grandes, plano/convexos, retocados unifacialmente, confeccionados sobre lascas, geralmente laminares, com a predominância de furadores e raspadores terminais encabados. Esses instrumentos seriam marcantes de uma matriz cultural denomina-

da Tradição Itaparica, Fase Serranópolis – o que não é consenso entre os autores[1]. Pouco tempo depois, por volta de 8 mil anos AP, surgiram, isoladamente, pontas líticas pedunculadas. Os produtores desses artefatos teriam sido indivíduos pertencentes a grupos de caçadores/coletores, não especializados na caça de animais gregários, que exploravam recursos diversificados em distintos contextos ecológicos e que, em sua perambulação sazonal pela paisagem, captavam os recursos necessários à sua economia natural e habitavam, periodicamente, em abrigos sob rocha e/ou grutas. Nesses locais exerceram atividades múltiplas, como por exemplo, sepultamentos, fabricação de ferramentas líticas, refeições, talvez rituais mitológicos, etc. Ainda é indefinido se já havia manifestações de arte rupestre. A sua alimentação era variada, comiam animais de todos os tamanhos, entre eles cervos, veados, capivara, aves, ovos de ema, peixes, pequenos roedores, etc. Nesse cardápio estavam ausentes os moluscos, mas é significativa a presença de frutos de palmeiras. O número de sítios é pequeno, sugerindo baixa densidade demográfica.

Ainda segundo o autor supracitado, o progressivo aumento de temperatura entre 8,5 mil e 6,5 mil anos AP ocasionou significativas mudanças ambientais que influenciaram os padrões culturais até então vigentes, principalmente na alimentação. O papel da caça reduziu-se, aumentando, em contrapartida, o consumo de produtos vegetais e moluscos terrestres que se multiplicaram com o aumento da umidade. Nas escavações arqueológicas é significativa a presença de cinzas e, na indústria lítica, registra-se o desaparecimento de artefatos bem confeccionados e sua substituição por lascas pouco retocadas, sem o bom acabamento técnico anterior. As pontas pedunculadas continuam exis-

---

[1] Segundo Prous (1992:168): *" O parco conhecimento das culturas do Brasil central e nordestino faz com que seja prematuro tentar definir tradições culturais, apesar de ter sido criada uma " tradição Itaparica" em Pernambuco, ' a qual P.I. Schmitz propôs integrar todas as indústrias líticas com raspadores e técnica de retoque unifacial. Como esta definição poderia ser aplicada a quase todas as ocorrências conhecidas nesta ampla zona e até no Estado de São Paulo, acreditamos que esta " tradição Itaparica" não tem valor classificatório suficiente."*

tindo, porém são cada vez mais raras, indicando talvez o progressivo desuso dessa tecnologia. Esse horizonte crono/tecnológico/cultural, em Goiás, é identificado por Schmitz (1993) e González (1996) como Tradição Serranópolis e está restrito, praticamente, a eventos arqueológicos localizados em abrigos sob rocha. A caça e a coleta generalizada deveriam ser a tônica da economia. O número de sítios permanece estável. Talvez no final desse período já existissem as primeiras manifestações gráficas nas paredes dos abrigos. Surgem indícios de um processo de regionalização cultural, o que pode corresponder ao período que alguns autores afirmam ter sido o formativo das culturas indígenas em vários pontos do país.

No período seguinte, entre 6,5 mil e 4 mil anos AP, aproximadamente, a temperatura atingiu os maiores índices dos últimos milênios ocasionando o fenômeno ambiental conhecido como "*optimum climático*". Esse segmento geocronológico, ambientalmente, é caracterizado por uma expressiva expansão da cobertura vegetal e pela multiplicação da fauna terrestre. A arqueologia dessa época, pelo que se conhece até o momento, evidencia uma diminuição na ocupação dos abrigos sob rocha e a multiplicação de sítios arqueológicos a céu aberto. A indústria lítica unifacial é substituída por bifaces leves e pesados evidenciando tecnologias regionais, as pontas pedunculadas continuam sendo fabricadas em algumas localidades (Schmitz, 1993).

Com a estabilidade climática e ambiental que se estabeleceu após o "*optimum climático*" os diversos processos culturais engendrados pelos grupos de caçadores/coletores locais adaptaram-se à nova realidade ecológica e foram também, provavelmente, influenciados pela ação intrusiva de elementos culturais trazidos por grupos adventícios, diversificando, assim, os padrões de comportamento cultural conforme as especificidades de cada contexto.

Deve-se reafirmar que os estudos arqueológicos até agora realizados no Centro-Oeste são parciais e limitam-se, predominantemente, à área do Cerrado. No Mato Grosso do Sul, o Pantanal, o sul do Estado, bem como as planícies fluviais da Bacia do Alto Paraná são

regiões com feições ambientais próprias. Os estudos arqueológicos iniciados recentemente por Schmitz (1993), Martins & Kashimoto (1995), Peixoto (1995), Martins (1996), Oliveira (1996), Kashimoto (1998) devem apresentar para esses contextos modelos arqueológicos específicos.

Diversos sítios foram localizados por MARTINS (1996) no Planalto Basáltico Maracaju-Campo Grande, ao sul de Rio Negro, os quais têm em comum o fato de apresentarem-se assentados a céu aberto, sobre as colinas suaves desse planalto e estarem sempre próximos a pequenos córregos permanentes, onde a cobertura vegetal, no passado, deveria ser de expressivo porte arbóreo. Outro elemento de destaque nesses sítios é a presença de material lítico proveniente de uma indústria sobre blocos coletados nos afloramentos de arenito silicificado, abundantes na região. A técnica de debitagem de lascas é predominantemente bipolar, sendo significativo também o emprego da técnica de retiradas preparatórias no talão. Os artefatos, predominantemente raspadores plano-convexos, são habilmente retocados unifacialmente e confeccionados sobre espessas lascas laminares bipolares, com comprimento geralmente não maior que dez centímetros. Foi registrada a presença de pontas foliáceas confeccionadas sobre lascas de arenito silicificado retocadas bifacialmente. Alguns desses sítios apresentam uma pequena quantidade de fragmentos de uma cerâmica lisa, com espessura fina.

No sítio Maracaju-1 (21°46′27,5″ s / 55° 23′22,7″ w), um abrigo sob rocha com petróglifos que lembram a Tradição Geométrica Meridional, uma amostra de carvão, coletada a menos de vinte centímetros de profundidade, foi datada em 610 anos AP e estava em um nível estratigráfico que continha fragmentos de cerâmica com características tecnológicas típicas dos índios guaranis. A presença, em todas as camadas pesquisadas, de material lítico tecnologicamente homogêneo, com as características acima descritas, em níveis inferiores a cinqüenta centímetros, sugere uma seqüência de ocupações pré-cerâmicas que abrangeu alguns milênios e a permanência transcultural

dessa tecnologia lítica Martins, (1996). Essa indústria, pelo seu perfil tecnológico não se enquadra na Tradição Itaparica, porém apresenta aproximações com o material arqueológico resultante das escavações realizadas Morais (1983) e Vilhena Vialou (1980) no médio e baixo Paranapanema.

Ainda é incerta a origem da cerâmica e da agricultura no Centro-Oeste, porém, algumas evidências indicam para momentos anteriores a dois mil anos atrás.

Na margem direita do rio Paraná, os trabalhos de levantamento arqueológico efetuados no âmbito do Projeto Arqueológico Porto Primavera-MS (Martins & Kashimoto, 1995) produziram inúmeros dados sobre as ocupações ceramistas pré-coloniais da margem direita do Alto Paraná (MS). Sabe-se que no último milênio houve uma predominância de assentamentos de indígenas portadores de cerâmica tipicamente guarani. Vários sítios foram datados através do método da termoluminescência (Tatumi, 1997) sendo que um deles, o sítio MS.PR.90 (20°53′19″ s / 5l°38′22″ w), localizado no município de Três Lagoas, MS, foi datado em 2818 anos AP.

Outras ocorrências antigas de cerâmica arqueológica, conhecidas na região Centro-Oeste, remontam a alguns séculos antes de Cristo e estão relacionadas a ocupações de abrigos sob rocha. Confeccionadas através de técnicas bem simples, essas manifestações ceramistas são classificadas, na terminologia arqueológica, como filiadas à Tradição Una.

Segundo González (1996), essa cerâmica tanto pode ter sido uma invenção tecnológica de grupos de caçadores locais como pode ter sido introduzida, na região, através de processos difusionistas. Para essa autora (1996:26):

> "A cerâmica constitui o vestígio material mais característico desta tradição e, embora apresente variações locais, pode ser definida como predominantemente lisa, com vasilhames médios e pequenos apresentando paredes pouco espessas (4 a 10 mm), superfícies bem alisadas nas cores preto, marron e cinza. As formas correspondem a recipientes globulares e cônicos, tigelas e potes com gargalo. Em Goiás a pasta

apresenta antiplástico mineral e vegetal (cariapé). Aparecem raras decorações plásticas, havendo certo número de peças com banho vermelho" (González, 1996:26).

Conforme a autora acima, o surgimento da cerâmica no Centro-Oeste teria sido precedido pela descoberta de rústicos manejos agrícolas por grupos de caçadores/coletores. Os dados até agora conhecidos permitiram González (1996:166) pensar que:

> "(...) a formação dos primeiros grupos ceramistas no Brasil Central abrangia grupos caçadores-coletores da Tradição Serranópolis, que anteriormente ocupavam a região. Entretanto, as diferentes situações observadas, bem como a própria distância geográfica que as concentrações de sítios apresentam entre si, parecem remeter muito mais a fenômenos locais do que uma substituição tecnológica e/ou cultural à nível regional. Mesmo porque, os dados disponíveis não indicam uma ocupação anterior intensiva. Ao que tudo indica os sítios da Tradição Serranópolis ocorrem apenas em determinadas porções do Brasil Central, e em número rarefeito, desta forma os primeiros grupos ceramistas potencialmente já deveriam apresentar, desde sua origem, significativas variações locais. Neste processo seria possível, inclusive, a manutenção de núcleos de grupos de caçadores/coletores em determinadas áreas e ao longo do tempo" (González, 1996: 166).

Prous (1992:345) afirma que os grupos produtores da cerâmica Una seriam: "*vinculados às tribos proto-jês e formavam pequenos grupos populacionais em regiões de transição entre o cerrado e a mata*".

O segundo período ceramista é denominado Tradição Aratu. Este constitui-se num vasto horizonte cultural arqueológico que abrange regiões do Nordeste e Centro-Oeste e com algumas infiltrações no Sul-amazônico. Sua origem parece estar localizada nos primeiros séculos da era cristã e teria permanecido, talvez, até os primeiros momentos do período colonial. Os produtores da cerâmica Aratu viveram em grandes aldeias e talvez também estiveram associados aos antepassados dos índios macro-gês. Uma das características arqueológicas mais marcantes dessa tradição ceramista são as grandes urnas funerárias, globulares, com tampas, bases convexas, paredes espessas e raramente decoradas com engobo vermelho.

Os sítios arqueológicos filiados à Tradição Aratu são encontrados em regiões suavemente onduladas e sempre próximos a cursos fluviais menores, ocupando grandes áreas.

Segundo González (1996: 29):

> "A indústria lítica apresenta lâminas de machados polidos, mãos de pilão, rodelas de fuso, e recipientes em serpentina, suportes, batedores e ocasionalmente tembetás em quartzo. A indústria lascada é reduzida, apresentando geralmente apenas lascas utilizadas" (González, 1996:29).

Por volta do ano 1000 da era cristã os sítios arqueológicos demonstram a presença de um novo padrão cerâmico – permeando o universo Aratu – ilustrado pela presença dos vestígios das tradições ceramistas Uru e Tupiguarani, produzidas por índios portadores de um padrão cultural típico de horticultores de florestas tropicais, onde a mandioca era fundamental na alimentação. Estes dados revelam um passado complexo de relacionamento interétnico entre grupos indígenas pré-coloniais no ambiente do Cerrado.

Finalmente, na região interestadual entre MT e MS (os vales do Alto Paraguai, Vermelho, São Lourenço, Piqueri, Taquari, Coxim), por volta do século XVIII, um novo fenômeno tecno-cultural, marcado pela quase extinção de sítios arqueológicos representantes das tradições anteriores, denota o surgimento dos grupos indígenas bororos com sua cerâmica característica, indicando um possível processo regional de trocas culturais, envolvendo grupos urus e tupiguaranis, e que passaram a ocupar os vales dos rios mais importantes (González,1996).

O POVOAMENTO INDÍGENA E HISTÓRICO NO MUNICÍPIO DE RIO NEGRO

Nas últimas décadas não foram feitos registros sobre a presença de índios na área do município de Rio Negro. A bibliografia etnográfica e etno-histórica não faz referências, nem em caráter superficial, aos habitantes indígenas da região do alto curso do rio Negro, portanto, são ainda desconhecidas as filiações étnicas dos índios que,

com certeza, aí viveram, em épocas pretéritas, ou seja, pelo menos até o fim do período colonial. Por inferência, a partir do conhecimento etno-histórico das áreas culturais vizinhas e também pela compreensão do caráter paisagístico da região – marcado pela transição ecológica entre o planalto e a planície pantaneira – pode-se levantar algumas hipóteses que poderão ser esclarecidas com o aprofundamento das pesquisas arqueológicas e etno-históricas na área.

Pela literatura especializada sabe-se que o espaço em estudo está comprimido entre a área cultural Kaiapó Meridional – ao norte e a leste – a área dos índios Ofaié – ao oeste (vale da cabeceira do Tabôco) – e a área Guarani/Kaiowá – ao sul. É possível que, por ser essa uma região de transição ecológica e de frição interétnica, tenha havido, em diferentes momentos do passado arqueológico, incursões de grupos indígenas filiados às tribos citadas anteriormente, não tendo ocorrido, porém, assentamentos específicos com caráter mais duradouro devido justamente à instabilidade fronteiriça da área.

Nos últimos quatrocentos anos, aproximadamente, a expansão da fronteira colonial luso-paulista e brasileira em direção progressiva para o Centro-Oeste provocou, forçosamente, um deslocamento dos indígenas para o ocidente, ocasionando, portanto, migrações periódicas, concentrando e sobrepondo, assim, os espaços culturais nativos, até o abandono definitivo da região, pelos mesmos, provavelmente, em fins do século XIX. Pode-se supor ainda que tenha havido incursões, na área estudada, de índios bororos, vindos do sul de Mato Grosso, entre o fim do século XVIII e meados do século XIX.

A ocupação efetiva e permanente da região em estudo, através de núcleos habitacionais fixos, teve início na metade deste século quando uma comunidade composta por cento e vinte famílias de imigrantes japoneses instalou-se nas proximidades do atual distrito de São Francisco e aí tentou, sem sucesso, o desenvolvimento da cultura cafeeira. Antes disso, pequenos garimpos isolados e uma rústica pecuária extensiva eram as únicas atividades sócio-econômicas da região, que, devido à sua precariedade econômica, não chegaram a comprometer

a integridade paisagística local, principalmente as coberturas submontanas e ciliares, poupando-se, dessa forma, também os sítios arqueológicos.

CRONOLOGIA DOS TRABALHOS DE PROSPECÇÃO ARQUEOLÓGICA

A equipe de prospecção arqueológica foi composta pelos pesquisadores citados na introdução deste relatório e saiu de Campo Grande com destino à cidade de Rio Negro no dia 16/11/97. Lá chegando foram incorporados à equipe outros elementos[2], os quais guiaram o grupo de pesquisadores aos locais a serem visitados.

O primeiro sítio visitado foi denominado "Córrego Rico-1" e localiza-se na Faz. Nossa Senhora Aparecida, propriedade do sr. João Lamb, morador na Trav. Angelo Fragelli, 8, Jardim América, Campo Grande, tel. 7422445. As coordenadas geográficas do sítio são as seguintes: 19° 24′ 08,1″ (S) e 54° 51′ 05,2″ (W); UTM 725627/7853429 (vide Figura 5).

O sítio, um abrigo sob rocha, com inscrições rupestres (pinturas e gravuras), está inserido no paredão de arenito de uma furna esculpida no relevo tabular e residual característico da geomorfologia dessa região. Nas proximidades, destaca-se, no relevo, o morro Boa Vista.

Além do abrigo acima citado, em outros pontos da furna, existem abrigos rochosos naturais que foram visitados pela equipe, mas não evidenciaram, numa vistoria preliminar, material arqueológico.

A área envolvida pelo contorno da furna apresenta mata de encosta, bem conservada. O espaço é bem drenado por um pequeno manancial, tributário do Córrego Rico, que possui fluxo permanente e límpido, o qual, deve ter servido para o abastecimento dos ocupantes pretéritos do lugar. No leito desse pequeno córrego foram examinadas algumas concentrações de cascalho que forneceram amostras de pequenas plaquetas de óxido de ferro, que, muito provavelmente, são

[2] Marcos, Dão, Mano e João Carlos.

semelhantes àquelas que foram empregadas pelos indivíduos que executaram as pinturas rupestres, no passado.

O abrigo sob rocha está incrustado em um paredão de arenito, no lado direito da furna (para quem está ingressando), a alguns metros acima do vale da drenagem, permitindo boa visibilidade sobre a vizinhança. O abrigo possui, aproximadamente, 6,5 m de frente, 13 m de fundo e uma altura máxima de 2,5 m. O piso é formado por uma laje de pedra revestida por uma fina camada de sedimentos e plaquetas de arenito desprendidas do teto, descartando-se assim a possibilidade de haver um pacote estratigráfico com material arqueológico. A área interna do abrigo é formada por um espaço que permite a livre circulação de pessoas. No fundo do abrigo tem início galerias espeleológicas de difícil acesso e que não foram exploradas pela equipe.

Nas proximidades da entrada do abrigo, do lado direito, no piso, há uma concavidade entalhada na rocha, com, aproximadamente, 80 cm de diâmetro e 50 cm de profundidade, de origem antrópica, que deve ter sido feita por algum morador, recente, em busca de tesouros enterrados. Ainda do mesmo lado, próximo à entrada, existem alguns "furos de pilão" e marcas de picoteamento sobre a laje de pedra que constitui a superfície interna. Foram recolhidos três blocos de arenito, fragmentados, que possuem "furos de pilão" e estavam deslocados de seus locais de origem. Na mesma superfície, foi coletado também um seixo com estrias que evidenciam a sua utilização pelo homem. Não foram encontradas lascas, artefatos líticos, nem fragmentos de cerâmica.

As inscrições rupestres, compostas de figuras e sinais pintados na cor vermelha/alaranjada, encontram-se agrupadas em três conjuntos localizados no teto do abrigo e estão sensivelmente afetados pela ação erosiva de cupins, morcegos, agentes químicos naturais e principalmente pela depredação feita por "grafiteiros". Alguns elementos pintados estão há mais de 2 m de altura.

O primeiro conjunto (algo em torno de dez sinais), composto por uma associação de cenas coletivas de zoomorfos com sinais abstratos e uma "cruz", está localizado no teto, próximo à entrada do

abrigo, no lado esquerdo. O segundo conjunto, localizado também no teto, no lado direito, é bem menos expressivo, estando representado por um sinal abstrato, bastante apagado e alguns pontos digitais. O terceiro mostra, novamente, a associação entre uma "cruz" e cenas de animais quadrúpedes em movimento coletivo, reunindo, ao todo, menos de dez signos.

Em seguida, a equipe dirigiu-se para o sítio "Córrego Alcantilado-1", localizado na Chácara Água Fria, propriedade do Sr. José Carneiro da Silva, residente no local há mais de 20 anos. As coordenadas geográficas são as seguintes: 19° 25′ 30,8″ (S) e 54° 50′ 14″ (W); UTM 727091/7850688 (vide Figura 5).

A área é drenada pelo córrego Água Fria, afluente do Alcantilado. O local é um abrigo sob rocha formado no alto de um paredão de arenito com dezenas de metros de altura, em uma furna esculpida em um "morro testemunho" típico do relevo escarpado da região. O abrigo possui, aproximadamente, 8 m de frente, 12 m de profundidade e 5 m de altura. É muito grande o número de plaquetas e blocos espalhados no chão. A base de circulação é composta por uma camada de sedimentos que pode ter mais de 50 cm de profundidade.

Neste abrigo não foram encontrados vestígios de pintura nem petróglifos, porém, além de alguns "furos de pilão" sobre blocos dispersos na superfície, registrou-se diversos sulcos de afiação. As mesmas evidências repetem-se em blocos de pedra localizados na área externa próxima à entrada do abrigo. Em alguns desses blocos registrou-se seqüências de pequenos furos e sulcos alinhados paralelamente como "contagens".

No interior do abrigo, na superfície, foram coletados inúmeros fragmentos de cerâmica lisa que, posteriormente, permitiram a remontagen parcial de um recipiente (Figura 1). Encontrou-se também fragmentos de *megabulimus*. Não foram evidenciados sinais de lascamento. Na área externa, próxima à entrada do abrigo, foi encontrada uma lâmina de machado polido que apresenta vestígios de corante alaranjado (vide Figura 2). Nas sondagens aleatórias, feitas através de

raspagens superficiais do piso do abrigo, não foram localizados vestígios arqueológicos.

No dia 17/11/96, a equipe dirigiu-se ao sítio "Córrego das Furnas-1". O sítio, com as coordenadas 19° 33′ 42,1″ (S) e 54° 51′ 00,2″ (W) (UTM 725555/7835594), localiza-se na Faz. Serra Brava (vide Figura 5), arrendada, atualmente, pelo sr. Roldão Correia Guimarães, residente em Rio Negro.

O sítio é composto por um abrigo sob rocha e uma caverna, distantes, aproximadamente, 50 m um local do outro, localizado no alto de um "morro testemunho", forma de relevo comum na região. Nas proximidades existe um pequeno córrego com água permanente e límpida, fluindo em um leito cascalhado. O abrigo não possui condições internas propícias para a habitações, pois seu piso é formado por grandes blocos de rocha, porém é caracterizado arqueologicamente por um expressivo painel com pinturas rupestres e pelo fato de que, próximo ao paredão com as pinturas, foram encontrados dois fragmentos de cerâmica lisa, um "racloir" (vide Figura 3) confeccionado sobre seixo de arenito silicificado, uma mão de pilão de pedra polida (vide Figura 4) e mais alguns seixos. No piso estreito do abrigo registrou-se a presença de sulcos de afiação.

O painel com pinturas é composto por figuras abstratas (poucas) e menos de dez figuras zoomorfas (aves), pintadas em cor vermelha/alaranjada, destacando-se, entre estas, um conjunto de três aves com as asas abertas. Em outro conjunto, próximo ao teto, nota-se uma seqüência de pontos na cor branca.

A caverna é bem ampla, com, aproximadamente, 10 m de frente, 20 m de profundidade e 4 m de altura. O piso é formado por sedimentos finos (areia) cobertos parcialmente por uma camada de pequenas plaquetas desprendidas do teto. Não há vestígios de pinturas ou gravuras no interior da caverna.

Na superfície da caverna foi evidenciado um variado conjunto de material arqueológico, composto por seixos lascados, lascas, fragmentos de cerâmica lisa e com decoração plástica (ungulada) e tam-

bém um bloco que apresenta sulcos de afiação e uma concavidade para polimento de gume de lâmina de machado de pedra. Foi feita uma coleta aleatória parcial do material que estava na superfície.

Na entrada da caverna foi feito um corte de 1 m² para sondagem do pacote estratigráfico. A escavação atingiu uma profundidade de 40 cm. O sedimento era composto por areia fina, solta, cinza claro e apresentou material arqueológico em todos os níveis. Foi possível observar a presença de restos orgânicos (carvões, cinzas, fragmentos de *megabulimus* e ossos), fragmentos de cerâmica e lascas. A partir de 40 cm de profundidade notou-se uma nítida mudança na coloração dos sedimentos, que passou a ter uma cor predominantemente alaranjada. A textura ficou mais granulosa. Observou-se a presença de grande quantidade de plaquetas desprendidas do teto do abrigo. Essa variação brusca no perfil do pacote sedimentar, muito provavelmente, indica uma mudança climática. A partir do nível alaranjado, até onde foi feita a sondagem, não foi encontrado material arqueológico.

AS INSCRIÇÕES RUPESTRES EM RIO NEGRO

A presença de grafismos rupestres nos sítios visitados em Rio Negro é um significativo indicador do caráter arqueológico e da antiguidade dos mesmos. Vilhena Vialou (1995) ao analisar, de maneira genérica, a "arte rupestre" no Brasil frisou que não é conveniente associar esse tipo de dado arqueológico com os índios atualmente conhecidos, pois com exceção dos kraôs do rio Tocantins, a "arte rupestre" era um comportamento cultural não usual entre os indígenas.

Não existem, até o momento, estudos aprofundados sobre a "arte rupestre" desta região sul-mato-grossense, porém, pode-se trabalhar, inicialmente, comparando-a com os conhecimentos adquiridos com as pesquisas realizadas no sul de Goiás, principalmente na região de Serranópolis/Caiapônia (Schimtz, 1986) e sul de Mato Grosso, Rondonópolis, (Vilhena Vialou & Vialou, 1994) onde as características

ambientais são contíguas às da região norte/nordeste de Mato Grosso do Sul. São interessantes também, por tratar de contextos arqueológicos mais próximos de Rio Negro, os trabalhos de Beber (1996), Copé (1988), Martins (1996) e Veroneze (1994), que analisam sítios com "arte rupestre" no Mato Grosso do Sul.

Vários autores classificam alguns dos eventos gráficos supracitados como integrantes de um grande conjunto artístico-cultural, típico do passado arqueológico do Centro-Oeste brasileiro, denominado "Tradição Planalto"[3].

No interior dessa tradição pictórica Schimitz (1986) observou que, entre outros, pode-se notar a presença de um subconjunto que ele chamou de "estilo" Serranópolis. Este teria sido produzido por grupos de caçadores/coletores que habitaram abrigos sob rocha na região desse município goiano no período compreendido entre 9 mil anos e 8 mil anos AP. Esse estilo é caracterizado por painéis onde predominam desenhos pintados na cor vermelha, sendo rara a presença das cores preta, amarela e branca. Os elementos, de um modo geral, representam figuras zoomorfas (lagartos, tatus, tartarugas, macacos, veados,

[3] Para Prous (1992), a Tradição Planalto, em linhas gerais, define-se da seguinte forma: "A quase totalidade dos sítios só apresenta grafismos pintados, geralmente em vermelho, mais raramente em preto e vermelho, por vezes branco. As figuras mais destacadas são sempre zoomorfos monocrômicos, cuja freqüência pode ser muito alta, sendo raramente inferior a dos sinais geométricos; aparecem antropomorfos, também monocrômicos, em pequena quantidade, a não ser quando muito esquematizados. Entre os animais os quadrúpedes são os mais representados, particularmente os cervídeos, sendo até 2/3 dos zoomorfos em alguns grandes sítios e a totalidade em outros menores. Em certas regiões os outros animais mais freqüentes são os peixes e os pássaros. Raramente são encontradas figurações de tatus, antas, porcos-do-mato, e tamanduás. É notável a ausência de animais como ema ou cobra. As cenas explícitas são raras, no entanto, parecem existir cenas implícitas ou seja, associações repetitivas e significativas: grupos de três animais evidenciando, por vezes características de macho, fêmea e cria (tríades familiares). Associação constante do peixe e do cervídeo que chega a constituir um verdadeiro mitograma. Os sinais geométricos podem ser "nuvens de pontos", "bastonetes", pentes, etc. É particularmente original pela freqüência de formas derivadas da figura de pássaros: aves de asas abertas, filiformes e sobretudo, antropomorfos lineares com o bico de pássaro, com machos itifálicos e mulheres de barriga grande".

emas, seriemas, araras, papagaios, e outras aves) sendo raras as representações antropomórficas. Os desenhos são cheios, estáticos, não formando cenas. Surgem com freqüência "pisadas" humanas. As figuras geométricas são formadas por círculos, elipses, ovais, triângulos, etc., além da combinação de linhas retas. Alguns signos lembram cruzes e seqüências de "gomos". Já nas inscrições de Caiapônia, Goiás, Schmitz (1986) aponta a existência de outro "estilo". Ocorrem cenas de ação envolvendo figuras humanas e animais, muitas mãos e pés, além de peixes e signos abstratos como "mandalas".

Segundo Vilhena Vialou & Vialou (1994:257) a pesquisa arqueológica da região da "Cidade de Pedra", em Rondonópolis/MT, pode assim ser resumida:

> "Il s'agit d'un paysage grésseux ruiniforme, en bordure du rio Vermelho, très difficile d'accès et de circulation. Plus de 50 abris à peintures ont été découverts et en partie déjà analysés. Certains contiennent des remplissages stratiphiés avec des occupations humaines. Les niveaux supérieurs datés (abrigo Vermelho et abri Ferraz Egreja) entre 1300 et 2000 BP contiennent de la céramique décorée et des industries lithiques. Les niveaux plus profonds, datés jusqu'a 4600 BP (Ferraz Egreja) offrent des industries lithiques (en grès, silex et quartz) avec des vestiges charbonneux et de parures en pierre" (Vilhena Vialou & Vialou, 1994: 257).

Quanto à "arte rupestre" desses sítios e do abrigo Santa Elina, localizado a pouco mais de duzentos quilômetros ao norte de Rondonópolis, os mesmos autores acima citados, assim se manifestam (Vilhena Vialou & Vialou, 1989:352):

> "Quelques dizaines d¢ ábris à peintures, et une poignée seulment à gravures, sont maintenant connus dans cette région, au nord du Pantanal. Aucun contact stratigraphique direct ne permet la moindre datation absolue de ces représentations rupestres. La ceintaine de "crayons"d¢ hematite trouvés dans plusieurs niveaux d¢ occupation de l¢ abri de Santa Elina, datés entre 200 et 6000 ans avant le présent, font présumer une antiquité préhistorique pour la série rouge des peintures sur le paroi; il en est de même à Ferraz Egreja où s¢ établit un rapport chronoculturel diffus entre les "crayions" trouvés en fouille dans l¢ habitat au pied des parois peintes et les représentations de même couleur. Pour le moment donc, se dégagent d¢ une part la

présomption d¢ une ancienneté multimillénaire pour une partie au moins des représentations peintes, d¢ autre part la possibilité d¢ une suite de phases rupestres en relation avec les peuplements successifs dans la région, mis en évidence par les deux longues séquences chrono-stratigraphiques de Santa Elina et Ferraz Egreja. Avec ses centaines de peintures attribuables sans aucun doute à plusieurs phases techno-stylistiques, le belle paroi de Santa Elina indique clairement une hétérogénéité de l¢ art rupestre dans la région, confirmée par les différences sensibles distinguant les principaux sites les un des autres" (Vilhena Vialou & Vialou, 1989: 352).

Martins (1996) informa que nos sítios Maracaju-01 e Antônio João-4, localizados na Serra de Maracaju, trezentos quilômetros, aproximadamente, ao sul de Rio Negro, as gravuras nas paredes desses abrigos sob rocha podem ser classificadas como similares às da Tradição Geométrica Meridional.[4]

Nos municípios sul-mato-grossenses de Camapuã, Jaraguari e Pedro Gomes, localizados na área do Estado onde predomina a cobertura vegetal do Cerrado e a geomorfologia é parecida com a de Rio Negro, também são registrados sítios com painéis de "arte rupestre" que podem ser comparados, em uma análise preliminar, aos padrões da Tradição Geométrica Meridional/Central.

Ocorrências desse modelo estilístico de grafismos rupestres são conhecidas em outros sítios fora da região Centro-Oeste, como São Paulo, Rio Grande do Sul e outros pontos da Bacia Platina. Essas evidências reforçam a idéia de que existiram múltiplas realidades arqueo-

[4] Para Prous (1992), em linhas gerais, a Tradição Geométrica Meridional caracteriza-se da seguinte maneira: "*Os sítios apresentam gravações por vezes retocadas por pintura e são localizadas fora do acesso das enchentes, até longe da água. O tema dominante passa a ser o "tridáctilo", triângulos (com incisão ou ponto tipo "vulvar") morfologicamente aparentados aos "tridáctilos", como mostra a publicação do sítio Coronel Ponce por M. Beltrão. As outras figuras incluem ainda cupuliformes, e por vezes, curviliniares. No Estado de São Paulo são particularmente freqüentes as "pegadas", por vezes alinhadas em rastros, seja de aves, seja de veado, além de pés humanos ou de felinos isoladas. Outras manifestações parecem aparentadas: são incisões divergentes a partir de uma depressão cupuliforme; são comuns nos paredões da serra Azul (São Paulo), onde foram descritas por G. Collet, e aparecem também em blocos abatidos no norte mineiro (Januária) e até na Paraíba*"

lógicas sobrepostas e/ou sincrônicas, no Centro-Oeste brasileiro, adaptadas aos distintos contextos ecológicos.

Em Aquidauana, na área de transição ambiental entre a borda do Planalto e o início da planície sedimentar pantaneira, Martins (1988) registrou, em um abrigo sob rocha, a ocorrência de um significativo painel de arte rupestre, onde centenas de sinais, entre figurativos e abstratos, foram pintados na cor branca. Nesse sítio – Aquidauana-2 – é notável a presença de petróglifos, em baixo relevo, gravados no arenito, representando animais como lagartos, tatus e tartarugas.

Girelli (1995-1996) analisou os petróglifos gravados em lajedos no Pantanal sul-mato-grossense, localizados nas proximidades da cidade de Corumbá, e comentou que os mesmos apontam várias semelhanças com aqueles encontrados na região do Alto Araguaia e Médio Tocantins. Deve-se ressaltar que neste caso os ambientes são totalmente diferentes.

Na medida em que as pesquisas vão se ampliando, horizontalmente e verticalmente, fica cada vez mais evidente que houve no Centro-Oeste diversos contextos culturais no passado arqueológico que variaram no tempo e no espaço, sendo assim é melhor operar com modelos explicativos que levem em conta a pluralidade de áreas culturais na região.

As manifestações de grafismos rupestres nos sítios visitados, em uma análise ainda preliminar, permitem ainda analogias, devido às várias semelhanças estilísticas e temáticas, com àquelas já registradas na região de Aquidauana (Martins, 1991), no centro do Estado e em Coxim, Costa Rica, Alcinópolis (Copé, 1988), e outros pontos do nordeste estadual (Beber,1996) onde o quadro natural é, em termos gerais, parecido, ou seja, determinado, entre outras variáveis, pela fitogeografia do Cerrado.

Beber (1996:77) relatou que em quatro sítios pesquisados na região do Alto Sucuriú, no município de Paranaíba, MS, as manifestações de "arte rupestre" apresentam-se como sendo um:

> " (..) conjunto de grafismos geométricos preponderantemente lineares, acompanhados, em menor quantidade, de pinturas chapadas biomorfas.

> Quanto à coloração, esta é fundamentalmente o vermelho e bordeaux e em menor quantidade o amarelo, obtidos a partir do óxido de ferro. Não existe sofisticação, os painéis são compostos por justaposição, sendo poucas as sobreposições" (Beber, 1996: 77).

Ainda conforme o autor retro citado, os painéis do Alto Sucuriú não mostram cenas, o movimento não é representado, havendo uma predominância de figuras abstratas elipsóides e retangulares. Observou-se também que existem três estratos de pinturas parcialmente sobrepostos em alguns pontos dos painéis.

Veroneze (1994), ao analisar as pinturas rupestres do Alto Sucuriú (MS), entendeu-as como:

> "As pinturas do Alto Sucuriú, de um modo geral, podem ser enquadradas na Tradição Geométrica e suas variáveis biomorfas se aproximam muito da Tradição São Francisco[5], que é um misto de figuras geométricas com biomorfas, que pode apresentar forte bi ou policromia" (Veroneze, 1994: 30).

Datações obtidas nesses sítios de Paranaíba indicam, para níveis estratigráficos de 80 a 90 cm, a presença humana por volta de 4700 a 5400 anos antes de Cristo. No sítio MS-PA-04 amostras de carvão obtidas a mais de 2 m de profundidade sugerem para BEBER (1996) que as pinturas, nesse local, possam ter sido feitas há, aproximadamente, 10 mil anos atrás. Após o "*optimum climático*" as representações gráficas rupestres tornam-se progressivamente rarefeitas até desaparecerem nos contextos arqueológicos mais recentes.

As ocorrências "artísticas" nos sítios focalizados neste relatório apresentam algumas evidências comuns com algumas das situações ar-

---

[5] Para Prous (1992:525) : "*A Tradição São Francisco é representada no vale do São Francisco, em Minas Gerais, Bahia e Sergipe, bem como nos Estados de Goiás e Mato Grosso. Poderia se estender até o vale do Moski, na Bolívia, segundo levantamentos realizados por R. Querejazu. Definimo-la como uma tradição onde os grafismos abstratos (geométricos) sobrepujam amplamente em quantidade os zoomorfo e antropomorfos, perfazendo entre 80 e 100% das sinalações. Na quase totalidade dos casos (excluindo-se o estilo mais antigo), a utilização de bicromia é intensa nas figuras pintadas. Os raros azoomorfos são quase exclusivamente peixes, pássaros, cobras, sáurios e talvez tartarugas. Notável é a ausência dos cervídeos; não existe nenhuma cena, mesmo de tipo implícito" , mas existem por vezes "trocadilhos" entre biomorfos e sinais" . (n. do r.).*

queológicas descritas anteriormente. As figuras são monocrômicas, com cores predominantemente avermelhadas/alaranjadas, representando, na maior parte, animais (aves e veados). Aparecem também representações de tríades de aves estáticas com as asas abertas e tríades de mamíferos quadrúpedes em movimento. Não há representações antropomorfas. Os sinais abstratos são em menor quantidade, isolados, havendo a repetição de alguns como, por exemplo, "cruzes" e seqüências de bastonetes ou pontos. A sobreposição de figuras é insignificante. Não houve preparação prévia da superfície. Quase não há registros de petróglifos, apenas prováveis sulcos de afiação e uma seqüência de pequenos orifícios executada sobre um bloco localizado fora do abrigo do sítio Córrego Alcantilado-1. O número de sinais, em cada sítio, é pequeno, o que sugere que devem ter sido elaborados por um único artesão, respectivamente, denotando, talvez, uma ocupação passageira ou um reaproveitamento das mesmas representações por gerações sucessivas.

O número de sítios visitados em Rio Negro, porém, é insuficiente para que seja possível estabelecer uma filiação dos mesmos aos modelos já propostos. Sabe-se por informações orais coletadas com moradores da região que existem outros locais com significativas demonstrações do "padrão" arqueológico ora analisado. Um levantamento mais detalhado de outros sítios se faz necessário para que a análise possa ser mais conclusiva, pois, provavelmente, a região foi ocupada por diferentes modelos culturais, portadores de distintas linguagens pictóricas, em distintos momentos do passado pré-colonial.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, Waldemar A. *Rio Negro, ontem e hoje.* Campo Grande : ANE/MS, 1996.

BARBOSA, Altair S. Peregrinos do cerrado. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, 5:159-193, 1995.

BEBER, Marcos V. A Arte Rupestre no Nordeste do Mato Grosso do Sul. *Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira.* Porto Alegre : EDIPUCRS, n.1, v.2, p.77-92, 1995-1996. (Arqueologia, 1)

COPÉ, Silvia M. Relatório de Atividades de Campo de 1985 e 1986. *Projeto Alto Sucuriú*. São Leopoldo : IAP- UNISINOS, 1988. Mimeografado.

ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL. *Macrozoneamento Geoambiental do Estado de Mato Grosso do Sul.* Campo Grande : SEPLAN/IBGE, 1989.

GIRELLI, Maribel. Lajedos com Gravuras na Região de Corumbá, MS. *Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Porto Alegre : EDIPUCRS, n.1, v.2, p.93-102, 1995-1996. (Arqueologia, 1)

GONZÁLEZ, Erika M. R. *A ocupação ceramista pré-colonial no Brasil Central: origens e desenvolvimento.* São Paulo : FFLCH/USP, 1996. Tese de Doutorado.

KASHIMOTO, Emília Mariko. *Variáveis ambientais e Arqueologia do Alto Paraná.* São Paulo : FFLCH/USP, 1998. Tese de Doutorado.

MARTINS, Dilamar Cândida. *Análise tecnotipológica de indústrias líticas de Planaltina de Goiás.* São Paulo : FFLCH/USP, 1993. Dissertação de Mestrado.

MARTINS, Gilson R. Relatório de registro do sítio arqueológico "Aquidauana-3". *Resumos da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro : UNESA, 1991.

_____. *Arqueologia do Planalto Maracaju-Campo Grande: O estudo do sítio Maracaju-1 através da análise quantitativa de sua indústria lítica.* São Paulo : FFLCH/USP, 1996. Tese de Doutorado.

MARTINS, Gilson Rodolfo & KASHIMOTO, Emília Mariko. *Projeto arqueológico "Porto Primavera, MS" : relatório geral da etapa de levantamento*. Campo Grande : FAPEC-UFMS/CESP, 1995. (não publicado)

MORAIS, José Luis. *A utilização dos afloramentos litológicos pelo homem pré-histórico brasileiro: análise do tratamento da matéria-prima*. São Paulo : Fundo de Pesquisas do Museu Paulista, 1983. (Museu Paulista, Arqueologia, 7)

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. *Guató – Argonautas do Pantanal.* Porto Alegre : EDIPUCRS, 1996. (Arqueologia, 2)

PEIXOTO, José Luis dos S. *A ocupação Tupiguarani na borda oeste do Pantanal Sul-Matogrossense: Maciço de Urucum.* Porto Alegre : PUCRS, 1995. Dissertação de Mestrado.

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília : EdUnB, 1992.

SCHMITZ, Pedro Ignacio. Caçadores e Coletores Antigos. *Cerrado: Caracterização, Ocupação e Perspectivas*. Brasília : EdUnB,1993.

SCHMITZ, Pedro Ignacio. Programa Arqueológico do MS – Projeto Corumbá. In: SCHMITZ, Pedro Ignacio (Org.). *Trabalhos apresentados no VI Simpósio Sul-Riograndense de Arqueologia: Novas Perspectivas (PUCRS, 2 a 4 de maio de 1991).* São Leopoldo : Instituto Anchietano de Pesquisas, 1993. p.40-47.

SCHMITZ, Pedro Ignacio et al. *Caiapônia: Arqueologia nos cerrados do Brasil Central*. São Leopoldo : IAP/UNISINOS, 1986.

TATUMI, Sonia H. Estudo cronológico de sítios arqueológicos do Estado do Mato Grosso do Sul. *Resumos do XX Encontro Nacional de Física da Matéria Condensada.* Caxambu, 1997.

VERONEZE, Ellen. *A ocupação do Planalto Central Brasileiro: o Nordeste do Mato Grosso do Sul.* São Leopoldo : UNISINOS, 1994. Dissertação de Mestrado.

VILHENA VIALOU, Águeda. *Tecno-tipologia das indústrias líticas do sítio Almeida em seu quadro natural, arqueo-etnológico e regional*. São Paulo : Museu Paulista/ Instituto de Pré-História, Universidade de São Paulo, 1980.

VILHENA VIALOU, Águeda. L¢Art Rupestre du Brésil. *Archéologie Nouvelle.* n.17, décemdre-janvier, Paris, 1995.

VILHENA VIALOU, Águeda; VIALOU, D. Art Rupestre Dans Des Abris-Habitats Préhistoriques du Mato Grosso, Brésil. *Ars Prehistorica.* Editorial Ausa, t.VII/ VIII, 1989.

VILHENA VIALOU, Águeda; VIALOU, D. Les premiers peuplements préhistoriques du Mato Grosso. *Bulletin de la Société Préhistorique Française.* Paris, 1994, t.91, n.4-5, 257-263.

VILHENA VIALOU, A. et al. *L' Homme fossile et ses paléoenvironnments dans le bassin du Parana – Brésil: Rapport de mission au Brésil/95*. Paris, IPH/MNHN, 1996.

WUST, Irmild. *Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área de Mato Grosso de Goiás: tentativa de análise espacial.* São Paulo : FFLCH/USP, 1983. Dissertação de Mestrado.

Figura 1 - Vasilha Cerâmica



Figura 2 - Lâmina de Machado



Figura Nº 3 - "Racloir"



Figura Nº 4 - Mão de Pilão



Figura 5 - Mapa da Área Abrangida pelo Rio Negro, MS

